

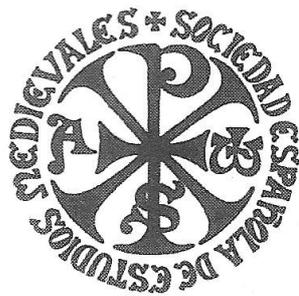
MEDIEVALISMO

REVISTA FUNDADA POR EL PROFESOR ELOY BENITO RUANO

BOLETIN DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE ESTUDIOS MEDIEVALES

Año 16, núm. 16

Madrid 2006



ATALAYA

EM PORTUGAL

As primeiras notícias sobre a Atalaya datam de 1763, quando o capitão de artilharia João de Deus descobriu as ruínas durante uma expedição para a construção de um forte no local.

A Atalaya foi construída no século XV, durante o reinado de D. João II, para servir de observatório e de fortificação. A sua planta é triangular, com um lado aberto para o mar, e o acesso é feito por uma escadaria de pedra que dá para o lado da rua.

O edifício é constituído por um núcleo central quadrado, rodeado por um alpendre que dá acesso a três torres. A torre do lado da rua é a mais alta e contém o relógio da cidade.

O núcleo central contém o altar-mor da igreja, que foi construído no século XVIII, e o altar lateral, que é do século XV.

A Atalaya é um dos monumentos mais importantes da cidade de Lagos, e é considerada uma das melhores obras de arquitetura manuelina.

O edifício foi restaurado em 1930, e em 1970 foi inaugurado o Museu da Atalaya, que contém uma coleção de objetos e documentos que remontam à história da cidade.

A Atalaya é um dos pontos turísticos mais importantes de Lagos, e é visitada por milhares de turistas todos os dias. O edifício é considerado um dos melhores exemplos de arquitetura manuelina em Portugal, e é considerado um dos monumentos mais importantes da cidade de Lagos.

O QUE SE VEM INVESTIGANDO EM HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL EM TEMPOS MEDIEVAIS ¹

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO*

Ao iniciar esta síntese diremos, com clareza, que ela é forçosamente incompleta e lacunar, dada a vastidão do tema.

A abordagem centrar-se-á essencialmente sobre os trabalhos de maior fôlego, e possivelmente nem todos serão devidamente relevados, o que, queremos desde já sublinhar, só se deve às aludidas circunstâncias e nunca a qualquer intuito de exclusão². Assim o que expomos terá de ser conjugado com os balanços realizados sobre a historiografia medieval, em especial com os que se dedicam à história da Igreja.

A história eclesiástica não teve, como pensamos, soluções de continuidade na historiografia portuguesa de antes ou depois da revolução de Abril. Teve, isso sim, alguns momentos mais fracos e outros mais fortes e, sobremaneira, diversos enfoques e um alargamento dos campos de abordagem.

Como escreve Carlos Moreira de Azevedo, na Introdução Geral à *História Religiosa de Portugal*: «noutras épocas valorizava-se o institucional e

* Prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura.

¹ Este trabalho, com algumas adaptações, resulta da exposição que fizemos na *V Semana de Estudos Medievais*, realizada no Porto, em 2005. Agradecemos vivamente ao nosso orientando de doutoramento, Luís Miguel Rêpas, a colaboração para o desenvolvimento das notas deste artigo.

² Para além das sínteses que adiante referiremos, será muito útil a consulta do *Repertório Bibliográfico da Historiografia Portuguesa, 1974-1994*, Coimbra, Instituto Camões – Faculdade de Letras de Coimbra, 1995, que especifica a «História Religiosa» no seu índice temático, e da revista electrónica *e-journal of portuguese history*, que no vol. 1, n.º 1, «Dissertations in Medieval History at Portuguese Universities», para onde remetemos o leitor para a pesquisa bibliográfica. E quanto ao monaquismo é um instrumento de trabalho utilíssimo, pela notícia histórica, principal bibliografia e fontes das diversas instituições, a obra *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento. Guia Histórico*, Direcção de Bernardo Vasconcelos e Sousa, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

as práticas externas, nos últimos tempos ganha terreno o estudo dos aspectos internos: a experiência religiosa, a dimensão pessoal da religião»³.

E logo depois, nesta mesma Introdução⁴, o autor, começando no século XVIII, apresenta os contributos nesta matéria dos membros da Real Academia da História e da Academia Real das Ciências, evidenciando o papel de D. Manuel Caetano de Sousa, João Pedro Ribeiro e Cardeal Saraiva (Frei Francisco de São Luís). Avança depois para os séculos seguintes, em que cita José de Sousa Amado, autor de uma *História da Igreja Católica*, muito apologética e sem grande objectividade, José Leite de Vasconcelos, que se abre ao redimensionamento do fenómeno religioso no seu estudo *Religiões da Lusitânia* e, em seguida, Fortunato de Almeida, cuja *História da Igreja em Portugal*, publicada entre 1910-1922 e depois reeditada por Damião Peres em 1967-1971, em 4 volumes com anotações, se constitui na obra de síntese de maior impacto nesta área do saber, que aborda os actos económicos, sociais e culturais da história eclesiástica. Continuando por dentro do século XX, evidencia os contributos de Gonçalves Cerejeira, Miguel de Oliveira e dos autores de trabalhos na primeira série da revista *Lusitania Sacra* (1956-1978), como António Brásio, Silva Rego, Avelino de Jesus da Costa, Mário Martins, Miguel de Oliveira e Isaías da Rosa Pereira. Para esta resenha bibliográfica se remetem, pois, todos aqueles que quiserem debruçar-se sobre a historiografia eclesiástica, até porque as sínteses sobre a temática são escassas, como referiremos.

Mas com estes últimos estudiosos do século passado entramos já numa periodização e numa metodologia mais próximas das que nos queremos aproximar. Todos eles são grandes eruditos e ainda hoje as suas obras se assumem como marcos de referência, tendo alguns uma fundamental influência no prosseguimento dos trabalhos sobre a história da Igreja, em sentido amplo, dado o seu magistério universitário.

Mário Martins, com um espírito muito arguto e manifestamente avançado para a sua época, envereda por caminhos novos da história religiosa, desvendando peregrinações, milagres e romarias e abrindo-nos o saber de uma cultura erudita laica e religiosa, estudos a que ainda hoje recorremos com todo o proveito⁵. Miguel de Oliveira torna-se um nome familiar graças à sua *História Eclesiástica de Portugal*⁶, manual que todos consultá-

³ Carlos A. MOREIRA AZEVEDO, «Introdução Geral», in *História Religiosa de Portugal*, dir. de Carlos Moreira Azevedo, vol. I, *Formação e Limites da Cristandade*, coord. de Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. X.

⁴ Idem, *ibidem*, pp. XV-XVI.

⁵ Entre a vasta bibliografia deste autor, destaque-se Mário MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956; *Estudos de Cultura Medieval*, 2 vols., Lisboa, Verbo, 1969, 1972; *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, sep. de *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 1951.

⁶ P.º Miguel DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, (ed. revista e actualizada por Artur Roque de Almeida), Lisboa, Publicações Europa-América, 1994; a 1.ª ed. remonta a 1940.

mos para, pelo menos, situar cronologicamente bispos e papas, como nos debruçámos sobre o seu livro *As Paróquias Rurais Portuguesas* para conhecer dioceses, paróquias, igrejas e mosteiros⁷. Acrescente-se ainda a estes a erudita contribuição de Pierre David, com os seus estudos sobre a organização paroquial suévica ou sobre o santoral, liturgia e relações eclesíasticas hispânicas, reunidos na sua obra *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*⁸. Devedores somos a todos eles de muitíssima documentação publicada, que utilizamos para os mais diversos campos da construção histórica, em particular das temáticas religiosas. Saliente-se que alguns, não apenas pelas suas obras, mas também pelo seu ensino como professores universitários, marcaram as novas gerações, como, entre outros, Isaías da Rosa Pereira, Gama Caeiro, José Mattoso e Aires Augusto do Nascimento, em Lisboa, Avelino de Jesus da Costa e Manuel Augusto Rodrigues, em Coimbra, José Marques e Frei Geraldo, no Porto, para além de muitos mais dos diversos ramos do saber —literatura, filosofia e arte— ou de posteriores cronologias, que confluem com os seus ensinamentos para o abrangente conhecimento da história eclesíastica.

Mas aproximemo-nos das últimas três décadas do século XX, depois de tempos de Abril e da implantação da democracia. A historiografia, como já foi por demais evidenciado, viu-se também ela contaminada pelas ondas de novidade e abertura que brotaram da mudança do regime político, a nível metodológico, temático e cronológico. E a história eclesíastica não ficou alheia a este impacto, ainda que as mutações fossem lentas e graduais, operando-se tantas vezes sem rupturas, mas antes por permeabilizações aos avanços do saber como um todo.

Assim, o desenvolvimento primeiro de uma história económica e depois de uma história social, o redimensionamento da tradicional história institucional e a mais inovadora história das ideias e das mentalidades contaminaram o campo de estudo da história religiosa. Como não menos a revivificaram os imbricamentos interdisciplinares, abrindo-se às metodologias e conhecimentos das demais ciências humanas e sociais.

Mas o percurso foi-se operando lentamente. A história institucional eclesíastica prevaleceu por isso ainda por longo tempo, embora nela se incorporando também as análises económicas, demográficas, sociais e mais especificamente as religiosas e litúrgicas. E primeiro trilhou-se a senda da história monástica.

José Mattoso publicava em 1962 a sua tese de licenciatura, defendida em Lovaina, sobre *A Abadia de Pendorada das Origens a 1160*⁹ e, logo

⁷ Idem, *As Paróquias Rurais Portuguesas. Sua origem e formação*, Lisboa, União Gráfica, 1950.

⁸ Pierre DAVID, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, Paris, Société d'Édition les Belles Lettres, 1947.

⁹ José MATTOSO, *L'abbaye de Pendorada des origines à 1160*, Sep. da *Revista Portuguesa de História*, t. VII, Coimbra, 1962; reeditado, com tradução para português, no vol. 11 das *Obras*

depois, em 1968, a sua tese de doutoramento sobre *O Monaquismo Ibérico e Cluny*, percorrendo os mosteiros da diocese do Porto do ano mil a 1200¹⁰. Tomando como paradigma estes trabalhos, sobremaneira a referida monografia, muito claramente esquematizada —focava, numa primeira parte, a estrutura jurídica e a composição da comunidade, a sua vida intelectual, espiritual e material e, numa segunda, as suas relações com o meio religioso, as autoridades civis, o meio social e a sua abertura pela caridade e apostolado—, a par dos ensinamentos de diversos mestres e orientadores, diversas teses de licenciatura e depois de mestrado e doutoramento foram surgindo.

Os mosteiros beneditinos, os mais antigos na Península, no geral até já existentes e seguindo as regras peninsulares quando depois neles vieram a ser introduzidos os costumes cluniacenses, foram os primeiros a ser analisados, apontando-se como exemplo a minha tese de licenciatura sobre Arouca¹¹ e o trabalho de Robert Durand sobre Grijó¹². Mas logo em seguida atraíram a atenção dos estudiosos as comunidades cistercienses —sem que, no entanto, as beneditinas tivessem sido de todo descuradas¹³— e em particular as de mulheres. E esta temática do monaquismo, sobretudo o femi-

Completas deste autor, com o título *A Abadia de Pendorada das Origens a 1160*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.

¹⁰ José MATTOSO, *Le monachisme ibérique et Cluny. Les abbayes du diocèse de Porto de l'an mil à 1200*, Louvain, Publications Universitaires, 1968; reeditado, com tradução para português, no vol. 12 das *Obras Completas* deste autor, com o título *O Monaquismo Ibérico e Cluny*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.

¹¹ Maria Helena DA CRUZ COELHO, *O mosteiro de Arouca do século X ao século XIII*, 2ª ed., Arouca, Câmara Municipal de Arouca/Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1988.

¹² Robert DURAND, *Le cartulaire Baio-Ferrado du Monastère de Grijó (XI-XIII^e siècles)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1971; José Augusto Pizarro, *Os patronos do mosteiro de Grijó: evolução e estrutura da família nobre- séculos XI-XIV*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987.

¹³ José MATTOSO, «O mosteiro de Santo Tirso e a cultura medieval portuguesa», in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 2.ª ed., [s.l.], IN-CM, 1997, pp. 462-471; Isabel Maria MADUREIRA ALVES PEDROSA FRANCO, *O Couto de Santo Tirso (1432-1516): Antropologia e Sociedade*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996; Arnaldo RUI AZEVEDO DE SOUSA MELO, *O Couto de Santo Tirso (1432-1516): Espaço e Economia*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996; António MATOS REIS, «O Mosteiro de Vitorino das Donas do Século XI ao Século XV», *Arquivo de Ponte de Lima*, vol. VII, 1986, pp. 151-194; Luís Carlos AMARAL, *S. Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV: estudo de gestão agrária*, Porto, 1987 (publicado em Lisboa, Edições Cosmos, 1994); Rui CUNHA MARTINS, *Património, Parentesco e Poder. O Mosteiro de Semide do Século XII ao Século XV*, Lisboa, Escher, 1992; Ana Maria AFONSO, *O Tombo do Mosteiro de S. Salvador de Castro de Avelãs de 1501-1504. Um património monástico no dealbar da Idade Moderna*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 2000; Alcina Manuela DE OLIVEIRA MARTINS, *O Mosteiro de S. Salvador de Vairão na Idade Média: o percurso de uma comunidade feminina*, Porto, tese de doutoramento apresentada à Universidade Portucalense, 2001; Paula Cristina NUNES CORREIA DUARTE, *O Mosteiro de Gondar: património e rendas*, 2 vols., Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 2003.

nino, é justamente um bom exemplo do entrelaçamento das investigações históricas.

José Mattoso, que dos estudos iniciais sobre monaquismo enveredou pelo aprofundamento da investigação sobre a nobreza portuguesa, foi desenhando as suas estratégias familiares, linhagísticas e de parentesco. Chamou a atenção para o crescente índice de feminilidade, que se afirmara no século XII e ainda se mantinha no seguinte, e a conseqüente entrada em religião de muitas filhas das mais nobres famílias. Se os estudos subsequentes vieram a rever algumas das suas afirmações sobre a estruturação linhagística quanto à repartição das heranças, verificando-se mesmo que as irmãs eram contempladas com quinhões similares aos dos seus irmãos, e que a entrada destas donas em religião exigia dotes significativos, representando a sua presença nos mosteiros não menos um importante capital de investimento na estratégia da linhagem, o certo é que as mulheres como religiosas tornaram-se um campo de análise atractivo para os investigadores. O que não pode igualmente deixar de se conotar com a novidade temática dos estudos em geral sobre as mulheres, que a renovação pós Abril trouxe para a nossa historiografia.

Numa outra vertente, o grande impacto dos estudos económicos, primeiro do mundo rural e logo depois do mundo urbano, igualmente contaminou esta temática. Tomando como obra de referência a tese de Iria Gonçalves sobre o património de Alcobaça¹⁴, os estudiosos mais jovens entusiasmaram-se com o estudo da propriedade eclesiástica e seus modos de exploração, até porque, dentro dos parâmetros de uma economia senhorial, eram estas instituições as que possuíam as melhores fontes para tais análises económicas. E mesmo neste particular tornava-se desafiante verificar se o aproveitamento do domínio e o exercício do poder senhorial se exerciam de igual ou diferente modo em mosteiros femininos e masculinos.

Acresce ainda que o pioneirismo dos estudos de história social que se foram apresentando, sustentados em biografias, no geral de homens da nobreza, e depois a novidade da utilização do método prosopográfico, primeiro nos trabalhos sobre o desembargo régio, alargado depois às elites do poder, ou melhor *dos poderes*, igualmente tiveram ecos na história monástica, como depois na do clero secular.

As monografias sobre muitos mosteiros cistercienses, dos maiores aos mais pequenos, dos de mulheres aos de homens, foram sendo apresentadas a provas e publicadas, a par de diversos artigos, alguns bem significativos no lançamento de pistas metodológicas e epistemológicas¹⁵. Então, sob

¹⁴ Iria GONÇALVES, *O património do mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.

¹⁵ Destacamos, na vasta obra de José MATTOSO, «A nobreza medieval portuguesa e as correntes monásticas dos séculos XI e XII», *Revista de História Económica e Social*, n.º 10, Lis-

os mais diversos ângulos de estudo —do económico ao social, do cultural ao artístico—, passaram a ser melhor conhecidos os mosteiros de Alcobaça, Almaziva¹⁶, Almoester¹⁷, Arouca¹⁸, Cástris¹⁹, Celas²⁰, Cós²¹, Fiães²², Júnias²³,

boa, 1982, pp. 29-47 (reeditado em *Portugal Medieval. Novas interpretações*, 2.^a ed., [s.l.], INCM, 1992 (1.^a ed., 1986), pp. 197-223); Maria Alegria F. MARQUES, «Evolução do monaquismo feminino, até ao século XIII, na região de entre Douro e Tejo. Notas para uma investigação», in *A mulher na sociedade portuguesa*, Actas do Colóquio (1985), vol. II, Coimbra, 1986, pp. 89-114 (reeditado em *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998, pp. 9-27); Maria Helena DA CRUZ COELHO e Rui CUNHA MARTINS, «O Monaquismo Feminino Cisterciense e a Nobreza Medieval Portuguesa (séculos XIII-XIV)», *Theologica*, II série, 28, fasc. 2, 1993, p. 491).

¹⁶ Falamos dos trabalhos de Maria José AZEVEDO SANTOS, entretanto compilados na obra *Vida e Morte de um Mosteiro Cisterciense. S. Paulo de Almaziva (hoje S. Paulo de Frades, c. Coimbra) – séculos XIII-XVI*, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

¹⁷ Francisco TEIXEIRA, *O mosteiro de Santa Maria de Almoester*, Lisboa, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990 (publicada em Santarém, em 1992, pela Câmara Municipal de Santarém); José Manuel HENRIQUES VARANDAS, *Monacato feminino e domínio rural. O património do mosteiro de Santa Maria de Almoester no século XIV*, Lisboa, Provas de capacidade científica e aptidão pedagógica apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994 (policopiado). Vejam-se ainda os recentes trabalhos de Luís Miguel RÊPAS, «A fundação do mosteiro de Almoester: revisão de um problema cronológico», in *Os Reinos Ibéricos na Idade Média, Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno* (Coordenação de Luís Adão da Fonseca, Luís Carlos Amaral e Maria Fernanda Ferreira Santos), vol. II, [s.l.], Livraria Civilização, 2003, pp. 795-804, e «A fundação do mosteiro de Almoester: novos documentos para uma velha questão», in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, vol. 2, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 103-122.

¹⁸ Luís Miguel RÊPAS, *Quando a nobreza traja de branco. A comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*, Coimbra, dissertação de mestrado em História, em 2 vols., apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no ano de 2000 (publicada em Leiria, Magno Edições, 2003); Dina Carla FERREIRA DE SOUSA DE ALMEIDA, *O Mosteiro Cisterciense de Arouca. Comunidade e Património (1300-1317)*, 2 vols., Coimbra, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003 (policopiada). E na sequência da publicação dos seus documentos Filomeno AMARO SOARES DA SILVA, *Cartulário de D. Maior Martins. Século XIII. Estudo introdutório. Edição diplomática. Índices*, Arouca, Associação da Defesa do Património Arouquense, 2001.

¹⁹ Maria Antónia MARQUES FIALHO COSTA CONDE, *Cister a Sul do Tejo: o mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Évora, tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, 2004 (policopiada).

²⁰ Maria do Rosário BARBOSA MORUJÃO, *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (séculos XIII a XV)*, Porto, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1991 (publicada em Coimbra, pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em 2001).

²¹ Cristina Maria ANDRÉ DE PINA E SOUSA e Saul António GOMES, *Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de S.^{ta} Maria de Cós (Alcobaça)*, Leiria, Edições Magno, 1998.

²² José MARQUES, *O Mosteiro de Fiães (Notas para a sua História)*, Braga, [ed. autor], 1990.

²³ Mário Jorge BARROCA, «Mosteiro de Santa Maria das Júnias. Notas para o estudo da sua evolução arquitectónica», *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. XI, Porto, 1994, pp. 417-443.

Lorvão²⁴, Odiveelas²⁵, Santa Maria de Aguiar²⁶ e Tarouca²⁷. Aliás, sendo bastante escassos os balanços sobre os estudos de história eclesiástica, a ordem de Cister tem merecido a atenção dos investigadores e duas sínteses sobre a produção historiográfica em devir longo, em torno das comunidades cistercienses, foram publicadas por Maria Alegria Marques, uma em 1991, sobre «Os estudos cistercienses em Portugal. Realizações e perspectivas»²⁸, e outra em 1999, sobre «O Cister feminino em Português: fontes e estudos»²⁹, para além de muitos autores nos seus trabalhos sobre mosteiros cistercienses aludirem ao anterior panorama de estudos sobre o tema, os quais, com a maior utilidade, deverão ser consultados pelos interessados nesta matéria.

Retenhamos apenas as linhas de força que foram emergindo nestes diversos estudos.

Como dissemos, domínios territoriais e senhoriais monásticos, políticas de exploração dos bens, rendas e rendimentos eclesiásticos, receitas e despesas das instituições foram aspectos que prenderam, num primeiro momento, os investigadores.

Do económico se passou ao social. Então os estudiosos quiseram saber a origem social dos membros da comunidade, mais das monjas que dos monges, exactamente porque o estudo dos mosteiros femininos entrou numa

²⁴ Sobre Lorvão, vejam-se os trabalhos de Maria Alegria F. MARQUES, «Inocêncio III e a passagem do mosteiro de Lorvão para a ordem de Cister» e «As primeiras freiras de Lorvão», compilados em *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998, pp. 75-125 e 127-180, a monografia de Maria Leonor FERRAZ DE OLIVEIRA SILVA SANTOS, *O Domínio de Santa Maria do Lorvão no Século XIV. Gestão feminina de um património fundiário*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, e a obra maior de Nelson CORREIA BORGES, *Arte monástica em Lorvão. Sombras e realidade*, 2 vols., [s.l.], Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

²⁵ Hermínia VILAR e Maria João BRANCO, «A fundação do mosteiro de Odiveelas», in *Actas. Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense, 1992, pp. 589-601; Margarida Isabel DA SILVA PINTO, *O mosteiro de Odiveelas no século XIV. Património e Gestão*, Lisboa, dissertação de mestrado em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2000 (policopiada).

²⁶ António Maria BALCÃO VICENTE, *Santa Maria de Aguiar – um mosteiro de fronteira: património rural e paisagem agrícola: séculos XII-XIV*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.

²⁷ Entre alguns estudos de vários autores, com destaque para A. DE ALMEIDA FERNANDES, destaque-se a obra deste *Tarouca Monumenta Histórica*, 3 vols., leitura, sumário e notas de A. de Almeida Fernandes, 1991-1993.

²⁸ Maria Alegria F. MARQUES, «Os estudos cistercienses em Portugal. Realizações e perspectivas», in *Actas. Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, vol. I, Ourense, 1992, pp. 113-135 (reeditado em *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998, pp. 329-354).

²⁹ Maria Alegria F. MARQUES, «O Cister feminino em Português: fontes e estudos», *Cistercium*, Ano LI, Outubro-Dezembro 1999, n.º 217, pp. 841-851.

primeira linha de interesse, para além de que as informações sobre a parentela e linhagem das religiosas se apresenta mais rica e abundante. Como no seu seio, de acordo com a importância das casas, se acolhiam membros da alta, média ou baixa nobreza, evidenciavam-se os comprometidos inter-relacionamentos entre a fidalguia e a Igreja. Tornou-se então muito apelativo conhecer as valências das mulheres em religião no contexto das estratégias reprodutivas do poder material e simbólico das linhagens, analisando o comportamento das religiosas à luz destas premissas. Muito se vem já conhecendo – como, entre outros aspectos, o acolhimento nas instituições de várias mulheres da mesma família (tias, sobrinhas, irmãs, primas...), que se apoiavam entre si e aos parentes que viviam no século; a ascensão aos mais altos cargos das mulheres das principais famílias e a transmissão como que «hereditária» do abadessado de tia a sobrinha; a manutenção das clientelagens e criadagens das linhagens e o mimetismo dos comportamentos para com esses dependentes no interior e no exterior das casas monásticas; ou o favorecimento das religiosas à linhagem graças ao património e aos rendimentos monásticos. Mas muito mais se espera dos estudos que estão em curso. Estudos que se fundam numa segura metodologia propográfica e que já não se confinam à abordagem de uma instituição, mas a toda uma rede monástica, como os doutoramentos que se aguardam sobre as Clarissas e as Cistercienses em Portugal, sobre os eremitas da Serra de Ossa, os Agostinhos no Entre Douro e Minho, os Dominicanos ou os Lóios³⁰.

Na verdade, os alargamentos dos campos de trabalho são múltiplos e sobrepostos. Incorporam-se novas temáticas nas análises do monaquismo, olha-se para conjuntos de comunidades afins e não para uma única, dá-se atenção a quase todas as ordens e regras, como as dos cónegos regrantes de Santo Agostinho (Santa Cruz de Coimbra³¹ e São Vicente de Fora³², S. Simão da Junqueira³³, Santa Maria de Oliveira³⁴, Chelas³⁵, São Salvador de

³⁰ Da responsabilidade, respectivamente, de Maria Filomena Andrade, Luís Miguel Rêpas, João Luís Fontes, Aires Gomes Fernandes, Maria Leonor Santos e Isabel Castro Pina.

³¹ Armando Alberto MARTINS, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 472-481.

³² Carlos Manuel C. GUARDADO DA SILVA, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora. A comunidade regrante e o património rural (séculos XII-XIII)*, Lisboa, Edições Colibri, 2002.

³³ Sérgio LIRA, *O Mosteiro de S. Simão da Junqueira (dos Primórdios a 1300)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994 (publ.: Vila do Conde, Câmara Municipal, 2001).

³⁴ Maria do Rosário COSTA BASTOS, *Santa Maria de Oliveira: um domínio monástico Entre Douro e Minho, em finais da Idade Média*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1993.

³⁵ Maria Filomena ANDRADE, *O Mosteiro de Chelas: uma comunidade feminina na Baixa Idade Média. Património e gestão*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1994 e publicada em Cascais, Patrimonia Historica, 1996.

Moreira da Maia³⁶), Franciscanos³⁷, Clarissas³⁸, Dominicanos³⁹ e Trinitários⁴⁰. O mais recente interesse pelos Mendicantes e pelas correntes eremíticas entronca, aliás, na linha de convergência do despertar das atenções para a espiritualidade e religiosidade, tanto de monges e clérigos como do laicado. E tem sido em torno das atitudes perante a morte e dos actos fundacionais de capelas e aniversários, que em parte as materializam, que mais se têm testado estas sensibilidades religiosas. Acresce ainda, neste particular, que já em 1996 havia sido apresentada no Porto uma tese de mestrado sobre o costumeiro de Pombeiro, que dava a conhecer a liturgia, o cerimonial, a espiritualidade e a vida quotidiana de uma comunidade beneditina⁴¹.

Acrescentemos também que muitos destes estudos de maior fôlego sobre as instituições monásticas incorporam significativos apêndices documentais, muitas vezes de documentação original, os quais, a par dos cartulários que se têm vindo a publicar, vão alargando o *corpus* documental eclesiástico, tão útil para os estudiosos dos diversos ramos do saber das ciências históricas e até sociais. E diga-se que, apesar do esforço de edição de fontes eclesiásticas desta ou de outra natureza, como visitas, livros de aniversários, tombos e livros de receitas e despesas, estamos ainda bem atrasados em relação ao que pode e deve ser feito neste particular.

No contraponto do monaquismo, a reflexão sobre o clero secular tardou um pouco mais, ainda que duas teses maiores e pioneiras tivessem aberto

³⁶ Aires GOMES FERNANDES, *São Salvador de Moreira da Maia: venturas e desventuras de um mosteiro no século XIV*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 2004.

³⁷ Vítor RUI GOMES TEIXEIRA, *O Maravilhoso no Mundo Franciscano Português na Baixa Idade Média*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1996; Idem, *O Movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, Cultura e Património de uma experiência de reforma religiosa*, 3 vols., Porto, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 2004.

³⁸ Ana Paula PRATAS FIGUEIRA SANTOS, *A fundação do mosteiro de Santa Clara de Coimbra (Da instituição por D. Mor Dias à intervenção da Rainha Santa Isabel)*, 2 vols., Coimbra, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 2000.

³⁹ Saul António GOMES COELHO DA SILVA, *O mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1989 e publicada em Coimbra, Universidade, 1990; Júlia Isabel COELHO CAMPOS ALVES DE CASTRO, *O Mosteiro de S. Domingos das Donas de Vila Nova de Gaia (1345-1513)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (policopiada), 1993; Albertina da CONCEIÇÃO MACHADO DA SILVA BARBOSA, *Capelas e Aniversários do Mosteiro de S. Domingos do Porto no século XV*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1996.

⁴⁰ Isabel Maria CHICHORRO BRANQUINHO, *O Mosteiro da Santíssima Trindade de Santarém: propriedade e gestão (séculos XIII-XV)*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 2000.

⁴¹ Joana LENCART, *O Costumeiro de Pombeiro. Uma comunidade beneditina no século XIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

este caminho. Referimo-nos, como todos o esperarão, à *opera magna* de Avelino de Jesus da Costa, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese (ou arquidiocese) de Braga*, publicada em 1959 e reeditada, refundida e ampliada em 1997-2000, obra que estuda aprofundadamente os primórdios da diocese bracarense desde tempos suévicos, mas sobretudo a partir da sua restauração, em 1071, e a acção do seu prelado D. Pedro, e que se torna uma referência para a época, pois que, para além dos aspectos da organização da diocese e sua administração, envolve muitas outras facetas de índole económica, demográfica, toponímica e de hagiotoponímia bem avançadas para o tempo, para além da publicação de preciosos censuais.

Marcada pelo institucional-eclesiástico, mas não menos pelo económico, demográfico e sobretudo político, dado que o prelado em causa, D. Fernando da Guerra, era um conselheiro da corte, se apresenta a tese de doutoramento de José Marques, *A Arquidiocese de Braga no Séc. XV*, que, defendida em 1981, foi publicada em 1988.

Só dez anos volvidos sobre esta última data, uma outra tese nos dava a conhecer uma nova diocese, agora a sul do Tejo, a de Évora, pela escrita de Hermínia Vilar. A autora intitulou o seu estudo *As dimensões do poder. A diocese de Évora na Idade Média*⁴², exactamente porque atentou nas carreiras de bispos, construídas com uma forte proximidade à realeza, sobretudo em Trezentos e Quatrocentos, e em seguida na dos cónegos, desenhada a partir de um universo de quase duas centenas de fichas prosopográficas que inquiriam o meio social, as ligações pessoais, o património, o percurso no cabido e no exterior, a cultura, a formação académica e a sua memória. O religioso entrecruzava-se pois muito acentuadamente com o meio social e o aparelho do poder.

Neste mesmo sentido se avançou numa tese de mestrado, que aborda a sociografia da conezia e prelados da diocese de Lamego na primeira metade do século XIV, apoiada num volumoso aparato documental de mais de duas centenas de documentos, o qual constitui uma mais-valia muito significativa para a real apreensão do clero secular português⁴³. Do mesmo modo, a diocese lisboeta foi sendo algo mais esclarecida, primeiro num trabalho sobre os primórdios, após a sua restauração⁴⁴, e depois na composição do

⁴² Apresentada em 1998 e publicada em Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

⁴³ Trata-se da dissertação defendida em 2000, e três anos depois publicada, de Anísio Miguel DE SOUSA BEMHAJA SARAIVA, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*, Leiria, Edições Magno, 2003. Saliente-se que a este bispado e cidade já se dedicara, na década de setenta, Manuel GONÇALVES DA COSTA, na obra *História do bispado e cidade de Lamego*, vol. I, *Idade Média. A Mitra e o Município*, vol. II, *Idade Média. Paróquias e conventos*, Lamego, 1977-1979, que nestes dois volumes carrega preciosas informações sobre a temática.

⁴⁴ Maria João VIOLANTE BRANCO, «Reis, bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração», *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, Lisboa, 1998, pp. 55-94.

seu clero capitular⁴⁵, enquanto o cabido viseense se apreendia pelo seu senhorio e rendimentos⁴⁶.

A viagem por novos espaços não impediu que se insistisse no conhecimento da sede primacial bracarense. E, a partir da Universidade do Minho, e sob a orientação de Ana Maria Rodrigues, foram sendo elaboradas mais de uma dezena de teses de mestrado que iluminavam a vida da arquidiocese bracarense, na concretização de um projecto de investigação que aquela historiadora lançou sobre o cabido da Sé de Braga⁴⁷. Conforme as fontes utilizadas e as perspectivas de análise tomadas, assim se aprofundava o saber sobre o património do cabido, os seus modos de exploração e rendimentos⁴⁸, ou mais se propendia para a história eclesiástica, revelando-se o recrutamento social, o perfil intelectual e as carreiras dos seus cónegos, também recorrendo à prosopografia⁴⁹, e mesmo o comportamento do clero bracarense face à morte⁵⁰.

⁴⁵ Mário Sérgio DA SILVA FARELO, *O Cabido da Sé de Lisboa e os seus cónegos (1277-1377)*, 2 vols., Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada), 2003.

⁴⁶ António DE SEIXAS NERY, *O Cabido de Viseu nos inícios da Idade Moderna. Senhorio e rendas (1400-1500)*, Porto, dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1996.

⁴⁷ Projecto apresentado pela sua coordenadora em «O poder económico, social e político do cabido da Sé de Braga nos finais da Idade Média (séculos XIII-XVI). Um projecto de investigação», *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, Lisboa, 1998, pp. 335-345, e cujos resultados se explicitam no artigo «Para uma prosopografia dos cónegos de Braga», in *Elites e redes clientelares na Idade Média: Problemas Metodológicos*, Filipe Themudo Barata (ed.), Lisboa, Edições Colibri – CI-DEHUS-Universidade de Évora, 2001, pp. 141-168.

⁴⁸ Ana Andrea SOEIRO DE BARROS, *A Aquisição e gestão de bens pelo Cabido de Braga na primeira metade da centúria de Trezentos (1300-1350)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999; Cristina Maria PEIXOTO DE CARVALHO, *O Património do Cabido da Sé de Braga nos finais do século XIV*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999; José SALGUEIRO CERQUEIRA, *A Exploração económica das propriedades do Cabido da Sé de Braga nos finais da Idade Média (1465-1515)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1998; Maria Celeste BRANDÃO FERREIRA, *Os Bens, direitos e rendimentos do Cabido da Sé de Braga (1393-94/1403-04)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 2000; Alexandra Maria MONTEIRO NOGUEIRA, *Formação e defesa do património do Cabido da Sé de Braga nos finais da Idade Média (1351-1500)*, Braga dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999.

⁴⁹ Maria Antonieta MOREIRA DA COSTA, *O Cabido de Braga na segunda metade da centúria de Duzentos (1245-1278)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 2000; Maria Justiniana PINHEIRO MACIEL LIMA, *O Cabido de Braga no tempo de D. Dinis (1278-1325)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999 (publicada em Cascais, Patrimonia Historica, 2003); João Carlos TA-VEIRA RIBEIRO, *A Instituição capitular bracarense no século XIV (1325-1374). Organização e relações*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999.

⁵⁰ Elisa Maria DOMINGUES DA COSTA CARVALHO, *A Morte do Alto Clero Bracarense (séculos XII a XV)*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 1999; Isa-bel Cristina MARTINS PERES GONÇALVES, *As Capelas na Sé de Braga nos finais da Idade Média*, Braga, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 2001; Alexandra Margarida DE OLIVEIRA SOARES, *Os Aniversários na Sé de Braga nos séculos XIV e XV*, Braga, dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (policopiada), 2000.

Por sua vez, no Porto, dava-se continuidade aos estudos da arquidiocese bracarense sob a égide de um dos seus prelados, desta vez D. Jorge da Costa⁵¹, e até, o que é mais raro, se aprofundava o conhecimento de uma circunscrição administrativa menor que um bispado como a comarca eclesiástica de Valença do Minho⁵². Mais invulgares ainda foram as teses de Ana Maria Jorge e Margarida Esteves Pereira, que recuaram até à Alta Idade Média, período que quase não tem atraído os investigadores, certamente pelas dificuldades heurísticas e hermenêuticas que envolve, as quais deram a conhecer, respectivamente, o episcopado da Lusitânia entre os séculos III e VII e as tensões religiosas do século IV em torno da heresia priscilianista⁵³.

A par das catedrais e bispados despertaram as atenções as igrejas colegiais, primeiro como grandes centros económicos e de polarização social, como a análise da colegiada de S. Pedro de Torres Vedras, estudada nos inícios da década de 80⁵⁴. Depois os estudos continuaram com incursões pelas colegiadas de Guimarães⁵⁵, Santarém⁵⁶, Sintra⁵⁷, Coimbra⁵⁸ e Lis-

⁵¹ Maria Angelina DE CASTRO MENDES DE PINHO BRANDÃO, *D. Jorge da Costa na Arquidiocese de Braga (1486-1501)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1996. Sem esquecer o estudo sobre certos rendimentos eclesiásticos específicos, como o de Alcina Manuela DE OLIVEIRA MARTINS, *Os votos de Santiago a Norte de Portugal na Idade Média: séculos XI-XV*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras do Porto (policopiada), 1991 (publicada em Santiago de Compostela, Ed. X. Galicia, 1993).

⁵² Teresa de Jesus RODRIGUES, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514 (antecedentes e evolução da comarca eclesiástica de Valença do Minho)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1997. Sobre esta matéria já se publicara o completo estudo de Avelino de Jesus DA COSTA, «A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da Diocese de Viana do Castelo)», in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1981, pp. 69-240.

⁵³ Ana Maria JORGE, *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (III^e-VII^e siècles)*, Lovaina, 1998 (publicada em Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002); Maria Margarida BARAHOSA SIMÕES ESTEVES PEREIRA, *Prisciliano e as tensões religiosas do século IV*, Lisboa, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 1999.

⁵⁴ Ana Maria RODRIGUES, *La collégiale de S. Pedro de Torres Vedras. Étude économique et sociale (fin du XIII^e-fin du XIV^e siècle)*, Paris, 1981 (dissertação de 3^o ciclo apresentada na Sorbonne, policopiada). Dedicou depois outros estudos às demais colegiadas da vila que se encontram na sua obra de compilação *Espaços, gentes e sociedade no Oeste. Estudos sobre Torres Vedras Medieval*, Cascais, Patrimonia Historica, 1996.

⁵⁵ Cláudia Maria NOVAIS TORIZ DA SILVA RAMOS, *O mosteiro e a colegiada de Guimarães (ca. 950-1250)*, 2 vols., Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1991.

⁵⁶ Maria de Fátima BOTÃO, *Poder e Influência de uma Igreja Medieval. A colegiada de Santa Maria de Alcáçova de Santarém*, Cascais, Patrimonia Historica, 1998.

⁵⁷ Maria Inês GONÇALVES MARQUES, *A colegiada de S. Martinho de Sintra nos séculos XIV e XV. Património e gestão*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 1997.

⁵⁸ João DA CUNHA MATOS, *A colegiada de S. Cristóvão de Coimbra (séculos XII-XIII)*, Tomar, 1998 (policopiado); Carla Patrícia RANA VARANDAS, *A colegiada de S. Pedro de Coim-*

boa⁵⁹, mas, em muitos deles, sobretudo os mais recentes, relevando já a sua estrutura eclesial e pormenorizando a sociografia dos seus priores e cónegos, o que tem vindo a conduzir a um melhor conhecimento das elites urbanas, aqui na sua dimensão religiosa, e dos imbricamentos de carreiras e mecanismos de ascensão ao poder eclesiástico.

Esta linha de análises sócio-políticas, que tem desembocado em novos recentramentos de trabalhos, e, no caso vertente, na dilucidação das teias que envolvem o poder religioso e régio, vem sendo igualmente alvo de estudos. Em Coimbra, nos finais da década de 80, e ainda muito na esteira do pioneiro trabalho de Carl Erdmann sobre o Papado e Portugal⁶⁰, Maria Teresa Veloso e Maria Alegria Marques apresentavam como teses de doutoramento as relações da realeza com o papado, respectivamente em tempos de Afonso II e de Afonso III⁶¹. Na década seguinte o tema continuou vivo e, em 1993, Margarida Garcez Ventura defendia uma tese sobre a *Igreja e o Poder no século XV*, entre 1383 e 1450, que evidenciava os conflitos entre o poder temporal e espiritual na política avisina⁶². Seis anos depois, Maria João Branco, carreando os alargamentos de campos de análise que se faziam sentir na abordagem dos poderes, preocupou-se com o esclarecimento dos contributos dos eclesiásticos como ideólogos da doutrina da soberania régia e como construtores da sua materialização efectiva, no interior e exterior do reino, em tempos de Sancho I e Afonso II⁶³. Este fio condutor dos comprometimentos ou oposições entre o Trono e o Altar está ainda em grande parte em aberto e mostra-se muito promissor.

bra das origens ao final do século XIV. Estudo económico e social, 2 vols., Coimbra, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 1999; Maria Cristina GONÇALVES GUARDADO, *A colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra em tempos medievais (Das origens ao início do século XV)*, 2 vols., Coimbra, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 2000.

⁵⁹ Fernando Carlos RODRIGUES MARTINS, *A Colegiada de Santa Cruz do Castelo e a Capela de D. Isabel de Sousa*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada), 1996; Joaquim António FELISBERTO BASTOS SERRA, *A colegiada de Santo Estevão de Alfama. Instituição, património e gestão nos séculos XIV e XV*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 2001.

⁶⁰ Carl ERDMANN, *O papado e Portugal no primeiro século da história portuguesa*, sep. do *Boletim do Instituto Alemão*, vol. V, Coimbra, 1935.

⁶¹ Maria Teresa NOBRE VELOSO, *D. Afonso II. Relações de Portugal com a Santa Sé durante o seu reinado*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras, 1988 (publicado em Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 2000); Maria Alegria F. MARQUES, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1990 (policopiado).

⁶² Margarida GARCEZ VENTURA, *Igreja e Poder no Séc. XV. Dinastia de Avis e Liberdades Eclesiásticas (1383-1450)*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa em 1993 e publicada em Lisboa, Colibri, 1997.

⁶³ Maria João VIOLANTE BRANCO, *Poder real e eclesiásticos. A evolução do conceito de soberania régia e a sua relação com a praxis política de Sancho I e Afonso II*, 2 vols., [Lisboa], tese de doutoramento apresentada à Universidade Aberta (policopiada), 1999.

E foi justamente neste convergir do religioso e do político, do temporal e do espiritual, que se deu corpo ao Projecto *Fasti Ecclesiae Portugaliae: prosopografia do clero catedralício português (1071-1325)*, com sede no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, nele se reunindo um número significativo de investigadores de quase todas as universidades do país, que vinham trabalhando sobre o clero secular, assim potencializando o acúmulo de saberes. Tem ele em vista, na senda das obras inglesas e francesas *Fasti Ecclesiae Anglicanae* e *Fasti Ecclesiae Gallicanae*, dar a conhecer os prelados e cónegos das catedrais portuguesas, num primeiro momento desde a restauração das dioceses até ao final do reinado de D. Dinis, vindo depois a prolongar-se, como se espera, pelos tempos subsequentes. Seguindo o método prosopográfico, a grelha de recolha de elementos sobre cada um destes clérigos deverá permitir conhecer o seu recrutamento social, a sua formação, a sua carreira, o seu posicionamento no jogo de poderes do reino, como não menos nos meandros da cúria pontifícia. Os primeiros frutos deste labor espelham-se já no congresso realizado em Roma e Viterbo, de 4 a 8 de Outubro de 2004, sobre *A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu*, cujas actas foram já publicadas⁶⁴. E no âmbito deste projecto, e dando provas da confluência de interesses com o projecto anterior de Braga, foi também lançada a obra colectiva *Os capitulares bracarenses (1245-1374). Notícias biográficas*⁶⁵. Em Setembro de 2006 realizou-se um novo Encontro Internacional sobre *Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (sécs. XII-XIV)*, esperando-se a saída das respectivas actas no ano de 2007.

Num outro recorte sobre a clerezia, e bem próximo ainda desta convergência entre a Igreja e o poder régio e da aproximação entre os estratos privilegiados da sociedade, foi justamente a escola do Porto que, pela orientação de Luís Adão da Fonseca, impulsionou a investigação sobre as Ordens Militares. Estudos sobre as Ordens de Cristo, Santiago, Avis e Hospital, grande parte deles publicados na revista *Militarium Ordinum Analecta*⁶⁶, dão-nos a conhecer a sua estrutura organizativa, a sua espirituali-

⁶⁴ *A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu. Colóquio Internacional*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa-Universidade Católica Portuguesa, 2005.

⁶⁵ Ana Maria S. A. RODRIGUES, João Carlos TAVEIRA RIBEIRO, Maria Antonieta MOREIRA DA COSTA, Maria Justiniana PINHEIRO MACIEL, *Os capitulares bracarenses (1245-1374). Notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 2005.

⁶⁶ Isabel Maria GOMES FERNANDES DE CARVALHO LAGO BARBOSA, *A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: normativa e prática*, Porto, Faculdade de Letras, 1989 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, 2, 1998, pp. 93-288); Isabel L. MORGADO S. E SILVA, *A Ordem de Cristo sob o mestrado de D. Lopo Dias de Sousa*, Porto, Faculdade de Letras, 1989 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, 1, 1997, pp. 5-126); Isabel MORGADO E SILVA, *A Ordem de Cristo, 1417-1521*, 3 vols., Porto, Faculdade de Letras, 1998 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, 6,

dade, normativa e prática, os seus bens, rendimentos e jurisdições e igualmente as suas ligações ao poder real, ainda que as fontes tenham esclarecido menos o concreto recrutamento social dos seus membros, entretanto aprofundado por Luís Filipe Oliveira⁶⁷.

A cultura da Igreja sempre foi evidenciada pelos estudiosos, desde longa data, em artigos valiosos —e quem não evoca a precocidade e acutilância dos estudos de Mário Martins nesta matéria!—, ainda que poucos trabalhos de fundo se lhe hajam dedicado. Aires Augusto do Nascimento tem investigado aprofundadamente os livros e saber sobretudo do mosteiro de Alcobaça, dando a conhecer os seus códices e publicando diversas hagiografias, livros de milagres e outras obras de natureza religiosa⁶⁸. Para além disso, este docente e José Meirinhos coordenaram os membros do Gabinete de Filosofia Medieval do Porto que trabalharam para dar à estampa um catálogo sobre os códices da livraria de mão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra⁶⁹. Entretanto, em Co-

2002, pp. 1-303); Maria Cristina GOMES PIMENTA, *A Ordem Militar de Avis durante o mestrado de D. Fernão Rodrigues de Sequeira*, Porto, Faculdade de Letras, 1989 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, 1, 1997, pp. 127-242); Idem, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*, Porto, Faculdade de Letras, 1999 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, 5, 2001, pp.1-605); Maria Cristina ALMEIDA E CUNHA, *A Ordem Militar de Avis (das origens a 1329)*, Porto, Faculdade de Letras, 1989 (dissertação de mestrado policopiada); Mário Raul de SOUSA CUNHA, *A Ordem Militar de Santiago: das origens a 1327*, Porto, Faculdade de Letras, 1991 (dissertação de mestrado policopiada); Joel Silva FERREIRA MATA, *A comunidade feminina da Ordem de Santiago: a Comenda de Santos na Idade Média*, Porto, Faculdade de Letras, 1991 (dissertação de mestrado policopiada); Idem, *A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: A Comenda de Santos em finais do século XV e no século XVI. Um estudo religioso, económico e social*, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras, 1999 (dissertação de doutoramento policopiada); Paula Maria DE CARVALHO PINTO COSTA, *A Ordem Militar do Hospital em Portugal (séculos XII-XV)*, Porto, Faculdade de Letras, 1993 (tese de mestrado policopiada); Idem, *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade*, Porto, Faculdade de Letras, 1998 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, n.º 3-4, 1999-2000, pp. 1-592); António Maria FALCÃO PESTANA DE VASCONCELOS, *A Ordem Militar de Cristo na Baixa Idade Média: Espiritualidade, normativa e prática*, Porto, Faculdade de Letras, 1995 (publ.: *Militarium Ordinum Analecta*, n.º 2, 1998, pp. 9-92); Maria Cristina RIBEIRO DE SOUSA FERNANDES, *A Ordem Militar de Santiago no século XIV*, Porto, Faculdade de Letras, 2002 (dissertação de mestrado policopiada); Maria Isabel RODRIGUES FERREIRA, *A Normativa das Ordens Militares Portuguesas (séculos XII-XVI). Poderes, Sociedade, Espiritualidade*, Porto, Faculdade de Letras, 2004 (tese de doutoramento policopiada); Carlos RUSSO SANTOS, *A Ordem de Santiago e o Papado no tempo de D. Jorge: de Inocêncio VIII a Paulo III*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2004 (dissertação de mestrado policopiada).

⁶⁷ Luís Filipe SIMÃO DIAS DE OLIVEIRA, *A Coroa, os Mestres e os Comendadores: as Ordens Militares de Avis e Santiago (1380-1449)*, Faro, Universidade do Algarve, 2006 (tese de doutoramento policopiada).

⁶⁸ Entre as demais que se poderiam citar, referiremos *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*, ed, crítica de Aires A. Nascimento, Lisboa, Colibri, 1998; *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, ed. crítica de Aires A. Nascimento, Lisboa, Colibri, 1998.

⁶⁹ *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, coord. de Aires Augusto Nascimento e José Francisco Meirinhos, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1997.

imbra, José Antunes, na sua tese de doutoramento, apresentada em 1995, debruçava-se sobre a cultura erudita portuguesa dos séculos XIII e XIV, reflectindo sobre as obras de alguns juristas e teólogos⁷⁰.

Todavia, a nível dos trabalhos académicos de maior fôlego, e na confluência da revivificação dos estudos paleográficos e diplomáticos com os da Igreja, vêm sendo as chancelarias eclesiásticas e os documentos nelas produzidos a atrair as novas gerações. Já António Guerra se interessara primeiro pelos documentos alcobacenses e depois pelos diversos documentos públicos dos séculos XII e XIII, que em larga medida provinham de instituições eclesiásticas, ainda que os seus trabalhos sejam essencialmente de natureza paleográfica⁷¹. Já os estudos sobre a chancelaria da arquidiocese bracarense, de Maria Cristina Cunha⁷², ou sobre a chancelaria catedralícia conimbricense, de Maria do Rosário Morujão⁷³, nos contextualizam a produção dos actos escritos e os agentes da escrita no quadro organizativo religioso e na ambiência cultural de ambas as sés. E no meio da apresentação destas duas teses Saul António Gomes defendeu uma outra sobre a chancelaria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que amplamente nos dá a conhecer a grandeza cultural desta casa monástica como produtora de códices e documentos, e como guardiã das suas memórias⁷⁴.

Notícia destas provas académicas, prestadas entre 1995 e 2000, sobre história da Igreja medieval em Portugal, nos dá conta desenvolvidamente Hermínia Vilar num balanço publicado na *Revista Lusitania Sacra*, para onde remetemos os que mais desejem saber, dada a brevidade e incompletude do que aqui apresentamos⁷⁵. E não queremos deixar de referir que tivemos acesso a um estado da questão sobre o clero secular na Idade Média que

⁷⁰ José ANTUNES, *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Coimbra, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 1995.

⁷¹ António Joaquim RIBEIRO GUERRA, *Os escribas dos documentos particulares do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, 1155-1200. Exercício de análise de grafias*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada), 1988; Idem, *Os diplomas privados em Portugal dos séculos IX a XII. Gestos e atitudes de rotina dos seus autores materiais*, Lisboa, 1996, tese de doutoramento publicada em Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003.

⁷² Maria Cristina ALMEIDA E CUNHA, *A chancelaria arquiépiscopal de Braga (1071-1244)*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1998 e publicada em Noia (A Coruna), Editorial Toxosoutos, 2005.

⁷³ Maria do Rosário BARBOSA MORUJÃO, *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)*, Coimbra, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 2005.

⁷⁴ Saul António GOMES, *In limine conscriptionis. Documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (séculos XII a XIV)*, 2 vols., Coimbra, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), 2000.

⁷⁵ Hermínia VASCONCELOS VILAR, «História da Igreja Medieval em Portugal: um percurso possível pelas provas académicas (1995-2000)», *Lusitania Sacra*, 2ª série, 13-14 (2001-2002), pp. 569-581.

Rosário Morujão apresentou oralmente num encontro científico em 2002⁷⁶ e amavelmente nos facultou, devendo passá-la a escrito, dada a minguagem de balanços nesta temática. Nele se encontram referências a valiosos estudos outros sobre «figuras de bispos, cónegos, património de prelados, cabidos e colegiadas, sobre restauração de dioceses e conflitos fronteiriços entre elas, acerca da proveniência geográfica e social dos clérigos e da sua forma de vida».

E voltemos de novo à síntese mais recentemente publicada, a *História Religiosa de Portugal*, com que abrimos estas notas. Foi ela precedida de um *Dicionário de História Religiosa*, saído entre 2000 e 2001, em que claramente se procurou já dar suporte à primeira, contemplando temáticas menos abordadas.

Na verdade, como explicava o coordenador geral da referida obra, intentava esta ser escrita com os novos métodos historiográficos, conjugando «história das ideias e da cultura com a banalidade quotidiana, objectividade dos acontecimentos com a sua hermenêutica, grandes figuras com a massa popular, o texto com o contexto» (p. XIX). «Procurou(ava)-se considerar a compreensão do fenómeno religioso na sociedade portuguesa, valorizando a matriz cristã-católica, mas não descurando as diversas sensibilidades religiosas e as suas permanências, realçando mais aspectos da vivência espiritual do que as dimensões já habituais, de ordem institucional e organizativa» (p. XX). E continuando a seguir as suas palavras, afirmava: «ao escolher para título do primeiro volume *Formação e limites da Cristandade* pretende(ia)-se abarcar o desafio multissecular das várias consciências religiosas com a Cristandade em ascensão, no espaço correspondente ao território português, desde o fundo religioso autóctone e romanizado até ao confronto com o Islão e ao diálogo difícil com o judaísmo» (p. XXI).

Divide-se este volume —aquele que nos interessa para a medievalidade— em três partes: «A procura do Deus único. Convivências religiosas: um desafio multissecular»; «A construção de uma Igreja. Agentes e estruturas de enquadramento eclesiásticos» e «Vivendo a Palavra de Deus. Doutrina, espiritualidade e cultura cristãs». Na arquitectura geral da obra, e à luz dos seus próprios critérios, serão essencialmente inovadoras a primeira e a última e tradicional a segunda. Nesta impera a história institucional e organizativa da Igreja, incorporando no geral os conhecimentos que se foram adquirindo, mas não se encontrando aqui as informações ou precisões de que muitas vezes necessitamos. Primeiro porque esta não é uma história da Igreja, como se declara, e portanto tal matéria é apenas uma parte do conjunto de toda a obra; depois porque neste «velho» campo haverá ainda muito a aprofundar e esclarecer, como julgamos.

⁷⁶ «O clero secular na Idade Média. Estado da questão», estudo apresentado no Congresso de História Medieval, realizado em Santa Maria da Feira, em Julho de 2002.

A primeira parte, aberta ao convívio das religiões, creio que rasga perspectivas de um novo posicionamento do religioso (no ontem como no hoje, acrescentamos), ainda que estas temáticas também se encontrem já muito presentes nas sínteses de História de Portugal que mais recentemente foram sendo publicadas, sustentadas pelos estudos de fundo sobre judeus e mouros que entretanto foram apresentados⁷⁷

A terceira parte, que confronta a religião dos clérigos com a religião no século, parece-nos de significativa novidade, muito em particular na abertura à espiritualidade e devoção do laicado. A entrada destas temáticas faz eco dos diferentes rumos perseguidos por alguns investigadores que se foram dedicando ao estudo das vivências das irmandades confraternais de leigos⁷⁸ ou ao aprofundamento das atitudes dos homens face à morte, perscrutando as suas estratégias salvíficas e as suas crenças na vida do Além⁷⁹. Nesta linha da sensibilidade religiosa laica tem vindo a realizar trabalhos, com gosto e preparação, Maria de Lurdes Rosa⁸⁰ que, na sua tese de doutoramento, «*As almas herdeiras*»..., desenvolveu, numa ampla abrangência e convergência de enfoques teológicos e canonísticos, e de enquadramentos devocionais e linhas de espiritualidade, o tema da fundação das capelas e da afirmação da alma como sujeito de direito⁸¹.

⁷⁷ Assim os de Maria José FERRO TAVARES, *Os judeus em Portugal no século XIV*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1979; idem, *Os judeus em Portugal no século XV*, Lisboa, Universidade Nova, 1982; Maria Filomena LOPES DE BARROS, *A comuna muçulmana de Lisboa nos séculos XIV e XV*, Porto, Faculdade de Letras, 1993 (dissertação de mestrado policopiada); idem, *Tempos e espaços de mouros. A minoria muçulmana no reino português (século XII a XV)*, Évora, Universidade de Évora, 2004 (tese de doutoramento policopiada).

⁷⁸ Destaquem-se, entre outros, os estudos de Maria Helena DA CRUZ COELHO, «As confrarias medievais portuguesas: espaços de solidariedades na vida e na morte», in *XIX Semana de Estudios Medievales, Estella'92, «Confradías, gremios, solidariedades en la Europa Medieval»*, Estella, 1993, pp. 149-182; Amândio BARROS, *A confraria de S. Pedro de Miragaia do Porto, no século XV*, Porto, Faculdade de Letras, 1991 (dissertação de mestrado policopiada); António José DE OLIVEIRA, *A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (séculos XIV-XVI)*, Braga, Universidade do Minho, 1999 (dissertação de mestrado policopiada); Ana Sofia CLÁUDIA, *São as confrarias refúgio dos humildes? Contributo para o estudo das elites eborenses no final da Idade Média*, Évora, Universidade de Évora, 2003 (dissertação de mestrado policopiada).

⁷⁹ Retenhamos, entre diversos trabalhos sobre a morte, os de Hermínia VILAR VASCONCELOS, *A vivência da morte no Portugal Medieval. A Estremadura Portuguesa (1300-1500)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1990, publicada em Redondo, Patrimonia, 1995; e *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, direcção de José Mattoso, Lisboa, edições João Sá da Costa, 1996.

⁸⁰ Deles nos oferece uma síntese no capítulo «A religião no século: vivências e devoções dos leigos», in *História Religiosa de Portugal*, pp. 423-510.

⁸¹ Maria de Lurdes PEREIRA ROSA, «*As almas herdeiras*». *Fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*, Lisboa, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

Caminhamos para o fim. Como se espera, deixando no ar o incentivo para o prosseguimento dos estudos de história religiosa, nos seus mais tradicionais ou novos campos de análise. É que no quadro institucional e organizativo da Igreja ainda nos falta conhecer a maioria das dioceses portuguesas, nas suas circunscrições administrativas, prelados e cabidos, incentivando por isso as investigações, que sei estarem em curso, sobre as do Porto e Viseu, ou já no final uma revisitação da de Braga, e apelando ao conhecimento das restantes⁸².

Mas também ainda sabemos pouco sobre as múltiplas igrejas colegiais que existiam no reino, que esperam análises contextualizadas no interior dos centros em que se implantavam, para averiguarmos o protagonismo desse clero urbano no religioso, social e económico. E menos conhecemos o perfil do clero rural e a sua relação e proximidade com os fiéis das respectivas paróquias.

Seriam estes primordiais saberes que nos conduziriam com segurança ao mais cabal conhecimento da religiosidade, mais erudita e urbana ou mais popular e arreigada a ancestrais crenças e costumes, embora, como já percebemos, sem que dicotómicas separações existam entre ambas. E nesta mesma linha, o aprofundamento da cultura religiosa e da espiritualidade de clérigos e leigos está ainda em aberto. Tal enfoque, na medida em que as fontes o permitam, deve também passar a ser nuclear nos estudos sobre as comunidades monásticas de homens e mulheres.

Mas nestes, como noutros vectores da história religiosa, julgamos porém que os jovens investigadores estão a rasgar novos horizontes, na assimilação das metodologias e conhecimentos que lhes vêm de outros sectores da construção histórica, e igualmente permeabilizando-se à interdisciplinaridade dos saberes das ciências sociais e humanas e mesmo de muitas outras⁸³. Nisso acreditamos e nisso confiamos. Por isso nos vimos empenhando na orientação e no comprometimento em projectos e estudos que convocam todos aqueles que mais querem conhecer sobre a *Ecclesia* e a religiosidade dos homens em tempos medievais.

⁸² Referimo-nos, respectivamente, às investigações de Maria João Oliveira e Silva, Anísio Saraiva e Luís Amaral.

⁸³ O Centro Museológico de Santa Clara-a-Velha, que abrirá ao público em 2008, creio poder espelhar esta convergência prática de esforço e saberes de várias áreas disciplinares para dar vida a uma comunidade que deixa marca arquitectónica nas ruínas do seu mosteiro e se resgata do esquecimento pelo espólio colhido em minuciosas escavações arqueológicas e pelas ricas memórias contidas em velhos pergaminhos e papéis.